

# CONTRAPONTO

ANO 15 Nº 97 Março 2015

Pressione Esc para sair do modo de tela cheia.

## crises

manifestações, terror, xenofobia





# QUAL SERÁ O DESTINO DE HAVANA?

Por Karine Sena, Lu Sudré,  
Mariana Castro e Paula Diniz

*A reaproximação diplomática entre Estados Unidos e Cuba possibilita a criação de um novo mercado de consumo na ilha, além da difusão de valores liberais*

Em dezembro de 2014, 52 anos após a proibição de atividades comerciais entre Cuba e Estados Unidos, foram retomadas as relações diplomáticas entre os dois países. O episódio da "crise dos mísseis", durante a Guerra Fria, marcou o isolamento do berço do capitalismo contra a recente ilha socialista – que se manteria firme em sua estrutura até os dias de hoje. Entretanto, a saída do presidente Fidel Castro do governo cubano e a entrada de seu irmão, Raúl Castro, na presidência, somada a reeleição de Barack Obama, fizeram com que uma possível reaproximação se concretizasse.

A libertação do preso político Alan Gross pelo país cubano e a dos três últimos componentes do grupo Cinco Cubanos pelos Estados Unidos, sinalizaram o novo capítulo da relação entre os países. As conversas entre Havana e Washington foram iniciadas com o objetivo da flexibilização do bloqueio econômico e comercial, imposto à ilha pela potência estadunidense dois anos após a Revolução Cubana.

Neste novo cenário, serão autorizadas vendas e exportações de bens e serviços dos EUA para Cuba, assim como bens de até US\$ 400 poderão ser importados de Cuba. Além disso, os Estados Unidos voltarão a ter embaixada em Havana, viagens de americanos a Cuba serão facilitadas, e se iniciarão novos esforços para melhorar o acesso de Cuba a telecomunicação e internet. As motivações e consequências do fim do embargo entre os dois países, entretanto, são muito mais complexas e podem trazer transformações históricas a longo prazo.

Diferente do que muitos pensam, reatar as relações diplomáticas não significa o fim da hostilidade do governo estadunidense perante outros países da América Latina. A Venezuela, por exemplo, recentemente foi alvo de Obama em mais sanções como o congelamento de bens e restrições de vistos de autoridades venezuelanas. Os embargos à Cuba também estão longe do fim. A ilha, anteriormente em sua história, contava com um forte laço político com os Estados Unidos, que tinha o direito de intervenção no país assegurado pela Emenda Platt. Entretanto, no período de lutas por melhorias na condição de vida cubana e durante o governo de John Kennedy, as relações políticas entre os dois países se estremeceram permanentemente. Ambos se tornaram ainda mais distantes com a Invasão da Baía dos Porcos, que ocorreu em 1961, quando uma série de exilados cubanos, incentivados pelo governo estadunidense e contrários à Fidel Castro, entraram em ação com o objetivo de depor o regime socialista.



O fracasso da operação fez com que Cuba se aproximasse ainda mais da URSS e, em 1962, recebesse seu primeiro embargo econômico, comercial e financeiro.

O que muitos questionam é se o fato da reintegração entre os dois países representa um avanço do capitalismo, já que a pequena ilha socialista, comparada com a maior potência capitalista, teria menos força de controle dos meios de comunicação e maior acesso de informação dos cidadãos para o resto do mundo, considerado mais avançado. Segundo Rodrigo Medina, professor de Relações Internacionais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), "o reestabelecimento de relações diplomáticas, se desacompanhado de medidas concretas de estabelecimento simétrico de relações econômicas, financeiras e comerciais, não alterará o quadro em que medidas coercitivas e ilegais (às luzes do direito internacional) perpetradas por décadas, sigam prejudicando o desenvolvimento do país e afetando o bem-estar do povo cubano".

É preciso pontuar quais são os interesses estadunienses em torno da retomada de relações diplomáticas com Cuba. Medina acredita que a predisposição do poder Executivo dos Estados Unidos em reestabelecer estas relações com a ilha é proveniente da pressão que grandes companhias estadunienses passaram a fazer sobre a Casa Branca e sobre Congresso. Empresas como a Apple e a Coca Cola, entre outras, antes mesmo de um pronunciamento formal, veicularam a possibilidade de reaproximação. A postura das empresas evidencia que há muito interesse econômico na abertura de um novo mercado consumidor.

Mas, com a intensa divulgação dos valores capitalistas em Cuba, como Raúl Castro conseguirá manter a declaração, feita em plena Assembleia Nacional Cubana, de que o projeto de sociedade socialista não terá fim em Havana? Para Medina, apesar de Cuba ser uma ilha a 150km do Imperialismo, a abertura econômica não significa o fim do socialismo na ilha e, desse modo, é preciso diferenciar o caso cubano do caso chinês. "A China abdicou do processo ideológico para adentrar na espiral de consumo da economia internacional. A entrada de Cuba no mercado de consumo implicará um ônus em termos de projeto ideológico, mas não acredito que o regime cubano irá abdicar dele", ressalta Medina.

De acordo com o professor de Relações Internacionais, a retomada das relações diplomáticas tende a aprofundar a difusão de valores estadunienses na ilha, impactando, principalmente, a juventude. "Os jovens cubanos passarão a ter acesso a alguns itens de consumo de massa, que fazem parte da chamada revolução tecnológica, incluindo a rede mundial de computadores, por meio de smartphones", afirma Medina, complementando que o governo de Cuba terá que lidar com uma gama de liberdades muito maiores e também com novo tipo de exercício da cidadania. "Claro que o governo Cubano também terá que lidar com a contrapropaganda, porque os valores propagandeados pela indústria de consumo de massa equivocadamente correlacionam o capitalismo com liberdade", explica.